

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

Submetido em: 20/10/2025

Aceito em: 28/11/2025

Publicado em: 14/5/2026

Elisangela Reinheimer de Bittencourt¹

Magale de Camargo Machado²

Analice Brusius³

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17478>

RESUMO

Esta escrita analisa o processo terapêutico de uma criança de onze anos em situação de acolhimento institucional, atendida em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Para preservar sua identidade, a criança é referida pelo pseudônimo Violet. O estudo foi desenvolvido a partir da metodologia de Estudo de Caso, com base no acompanhamento clínico realizado, destacando aspectos singulares e contextuais. A demanda inicial consistia em episódios emocionais intensos e comportamentos

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre/RS, Brasil,

<https://orcid.org/0000-0001-5595-2584>

² Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - IENH-RS. Nova Hamburgo/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-2391-8258>

³ Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - IENH-RS. Nova Hamburgo/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-9981-6610>

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

marcados por explosões de raiva no ambiente de acolhimento. O acolhimento institucional decorreu de situações de violência familiar, negligência e abandono, dirigidos à Violet, resultando na separação de seus irmãos mais novos. No início do tratamento, a criança apresentava intenso sofrimento psíquico, dificuldades significativas de vinculação e sentimentos de insegurança associados à interrupção da relação materna. Diante da condição de abandono, Violet encontrava-se sobrecarregada pela necessidade de cuidar precocemente de si mesma, mostrando-se suscetível aos estímulos do ambiente. No setting terapêutico, a contação de histórias emergiu como um recurso clínico central, favorecendo a elaboração psíquica e a representação simbólica do sofrimento vivenciado. As narrativas literárias possibilitaram à criança atribuir sentido às suas experiências, promovendo simbolizações, verbalizações e a construção de uma narrativa própria por meio da identificação com personagens e enredos. Ao longo do processo, observou-se o fortalecimento do vínculo terapêutico e uma progressiva ampliação da capacidade simbólica e expressiva de Violet. Conclui-se que a literatura, enquanto recurso clínico, enriquece simbolicamente o processo psicoterapêutico e produz efeitos significativos na elaboração do sofrimento psíquico infantil.

Palavras-chaves: literatura, infância, psicanálise, processo psicoterapêutico.

LITERATURE AS A THERAPEUTIC RESOURCE IN CHILDHOOD

ABSTRACT

This paper analyzes the therapeutic process of an eleven-year-old child living in an institutional care setting, treated at a Child and Adolescent Psychosocial Care Center (CAPSi) in the metropolitan region of Porto Alegre, Brazil. To preserve her identity, the child is referred to by the pseudonym “Violet.” The study was developed using a case study methodology, based on clinical follow-up, highlighting singular and contextual aspects of the case. The initial demand involved intense emotional episodes and behaviors marked by outbursts of anger within the institutional environment. Institutional placement resulted from situations of family violence, neglect, and abandonment, leading to Violet’s separation from her younger siblings. At the beginning of treatment, the child presented intense psychological distress, significant difficulties in forming bonds, and feelings of insecurity associated with the interruption of the

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

maternal relationship. In the context of abandonment, Violet was overburdened by the early need to care for herself, becoming highly susceptible to environmental stimuli. Within the therapeutic setting, storytelling emerged as a central clinical resource, fostering psychic elaboration and the symbolic representation of the experienced suffering. Literary narratives enabled the child to attribute meaning to her experiences, promoting symbolization, verbal expression, and the construction of a personal narrative through identification with characters and plots. Throughout the therapeutic process, a strengthening of the therapeutic bond and a progressive expansion of Violet's symbolic and expressive capacities were observed. It is concluded that literature, as a clinical resource, symbolically enriches the psychotherapeutic process and produces significant effects on the elaboration of childhood psychological suffering.

Keywords: literature; childhood; psychoanalysis; psychotherapeutic process.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um estudo de caso clínico que relata parte do processo terapêutico de uma criança de onze anos. Como recurso nos atendimentos, utilizou-se a contação de histórias. A criança encontrava-se em situação de acolhimento institucional e foi atendida em um centro de saúde mental infantil da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil. Esse artigo é resultado da redação final do Estágio Específico em Psicologia, componente curricular obrigatório para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo – IENH/RS.

Os atendimentos foram realizados em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), no período de dezembro de 2017 a julho de 2018, totalizando oito meses de acompanhamento clínico. Após a finalização do estágio da terapeuta, a criança passou a ser acompanhada por outro técnico do serviço, dando continuidade ao tratamento. Essa modalidade de serviço em saúde mental, representada pelos CAPSis, constitui-se como uma estrutura de grande relevância para a oferta de suporte psicossocial a crianças e adolescentes de até 18 anos incompletos, que enfrentam diferentes dificuldades no desenvolvimento infantil. Esses serviços têm como objetivo prestar atendimento interdisciplinar, pautado na integralidade do cuidado, contemplando demandas de média e alta complexidade em saúde mental.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

A criança residia em uma Instituição de Acolhimento⁴ da região e foi encaminhada ao serviço de saúde mental em razão de queixas apresentadas pela instituição, principalmente relacionadas a explosões de raiva e comportamentos agressivos. Por motivos éticos, sua identidade será preservada, sendo utilizado o nome fictício Violet, em alusão à personagem da obra literária infantojuvenil *Desventuras em Série* (1999), composta por treze livros, de autoria do estadunidense Daniel Handler. Na referida obra, Violet Baudelaire é uma menina esperta que, junto com seus irmãos, busca sobreviver às desventuras e adversidades que atravessam suas vidas após a suposta morte de seus pais. Tal evento leva os órfãos Baudelaire a ficarem sob a tutela ineficaz do Estado e a precisarem se proteger das intenções malévolas de seu tio, o Conde Olaf, e de outros parentes.

A construção do caso clínico foi embasada a partir da perspectiva psicanalítica, utilizando autores clássicos que contribuíram para a compreensão da constituição psíquica e da subjetividade humana, tais como Sigmund Freud, que fundamentou os princípios da psicanálise; Donald Winnicott, cuja obra enfatiza a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança; Françoise Dolto, que aborda a singularidade e a linguagem; Melanie Klein, que se debruçou sobre as fantasias infantis; e Bruno Bettelheim, que trabalhou o uso dos contos de fadas como dispositivos simbólicos para a elaboração de conflitos internos. A esses autores, somam-se contribuições contemporâneas que discutem a contação de histórias como recurso clínico na infância, como as de Corso & Corso e Gutfreind.

A psicoterapia psicanalítica infantil possui especificidades, entre as quais se destaca a importância da relação transferencial entre a criança e o terapeuta. Para a produção simbólica, o terapeuta pode utilizar inúmeros recursos, como a linguagem falada, brincadeiras, dramatizações, jogos etc. (Eizirik et al., 2015). Nesse sentido, a contação de histórias é adotada como recurso central, considerando seu potencial terapêutico para a elaboração de conflitos internos e a atribuição de sentido às experiências vividas (Bettelheim, 2021; Corso; Corso, 2013; Gutfreind, 2020).

Estudos recentes indicam que o acolhimento institucional pode resultar em fragilidades nas interações sociais, no comportamento e no sofrimento psíquico de crianças, manifestando-se, entre outros aspectos, por meio de irritabilidade e agressividade (Niu et al., 2024; Pacheco,

⁴ Conforme a Lei Nº 12010/09 que dispõe normas sobre a adoção e alteração no funcionamento de abrigos que passam a se chamar Instituição de Acolhimento.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

2023). Esses contextos podem influenciar a constituição da subjetividade e o empobrecimento dos repertórios emocionais e simbólicos, mesmo que o acolhimento seja provisório e tenha finalidade protetiva, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2009), os efeitos da institucionalização estão fortemente relacionados às experiências de separação e afastamento vivenciadas pela criança em relação aos seus familiares e/ou responsáveis, decorrentes da exposição extrema e recorrente a condições de vulnerabilidade em diferentes dimensões da vida, como aspectos educacionais, de sobrevivência e afetivos, entre outros.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar os efeitos e os processos simbólicos mobilizados pelo recurso da contação de histórias no processo psicoterapêutico de uma criança institucionalizada que apresenta queixas de agressividade e tem histórico traumático.

METODOLOGIA

Este estudo se configura como uma pesquisa qualitativa pautada no método do estudo de caso. De acordo com Stake (2016), essa metodologia é frequentemente utilizada como um importante recurso para a produção científica em diversas áreas do conhecimento. Embora essa abordagem possa ser aplicada a grupos ou populações previamente definidos, o estudo de um caso único abrange múltiplos aspectos que possibilitam sua análise sob um viés científico. Dessa maneira, o estudo de caso possibilita uma investigação científica aprofundada, preservando às particularidades do caso analisado e evitando generalizações (Stake, 2016).

Por meio da metodologia de estudo de caso, buscou-se compreender os benefícios da incorporação da literatura no processo terapêutico de uma criança. Os dados que fundamentam essa análise foram coletados durante o atendimento clínico realizado no contexto do Estágio Específico Supervisionado de graduação em Psicologia, no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). Tal escolha metodológica possibilitou a compreensão da singularidade do sujeito em seu contexto relacional e institucional, articulando o material empírico às referências teóricas mobilizadas no estudo e favorecendo uma interpretação clínico-qualitativa mais aprofundada do caso analisado (Delgado, 2019).

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

APRESENTAÇÃO DO CASO

Violet é uma criança bastante ativa e curiosa, com rápida percepção do ambiente à sua volta. Ela tem três irmãos: dois mais velhos e uma irmã mais nova, que ainda é um bebê. Atualmente, ela reside em uma instituição de acolhimento da região e não mantém contato com os pais ou com a família de origem, estabelecendo vínculos principalmente com a irmã mais velha, que também está acolhida na mesma instituição.

Na entrevista inicial, Violet contou sua história de vida, lembrando os períodos em que morou com os pais, na instituição anterior e na casa de familiares, bem como as situações de violência que vivenciou. Com um semblante sério, ela descreveu detalhadamente experiências marcadas por sofrimento, violência, negligência e abandono.

Em sua entrevista inicial, Violet relatou aspectos de sua trajetória de vida, rememorando os períodos em que residiu com os genitores, também épocas em uma instituição de acolhimento anterior e na residência de familiares, bem como situações de violência às quais foi exposta. Com expressão séria e discurso minucioso, descreveu experiências marcadas por sofrimento, negligência, abandono e violência.

Em razão de situações de negligência e violência intrafamiliar, Violet e seus irmãos foram afastados do convívio familiar por determinação judicial. Posteriormente, passaram a residir em uma instituição de acolhimento localizada em um município vizinho, onde permaneceram por aproximadamente um ano e meio. Nesse período, Violet apresentou manifestações de sofrimento psíquico associadas às mesmas queixas observadas atualmente. Posteriormente, um casal pertencente à família extensa decidiu acolher Violet e sua irmã, uma vez que o irmão já se encontrava sob seus cuidados. No entanto, o novo contexto familiar não dispunha de condições emocionais e materiais para acolher as três crianças, o que resultou na reinstalação de situações de violência dirigidas às meninas. Diante das dificuldades enfrentadas, os familiares recorreram ao Poder Judiciário, alegando incapacidade de prover os cuidados necessários. Em consequência, Violet e sua irmã retornaram à atual instituição de acolhimento.

Após este período, o irmão de Violet retornou para a residência materna, permanecendo apenas as duas irmãs na instituição, enquanto a bebê permaneceu sob os cuidados do pai biológico, que não é o mesmo das demais crianças. Após a avaliação psicológica, foi recomendado o acompanhamento do serviço de saúde mental, devido às dificuldades no

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

relacionamento com outras crianças, episódios frequentes de raiva e comportamentos agressivos de difícil manejo pela equipe técnica. Além disso, observava-se uma relação intensamente conflituosa com a irmã mais velha. É importante ressaltar que, em momento anterior, Violet já havia sido atendida pelo mesmo serviço de saúde mental, apresentando queixas semelhantes às atuais.

No ambiente escolar, Violet apresenta um desempenho que se encontra dentro da média da sua faixa etária, demonstrando habilidades preservadas de leitura, escrita e desenho. No entanto, observam-se recursos simbólicos ainda fragilizados e empobrecidos, possivelmente relacionados à ausência de investimentos ambientais consistentes ao longo do seu desenvolvimento. Conforme apontam Oriente e Sousa (2005), crianças institucionalizadas, em razão das experiências de sofrimento vivenciadas, tendem a expressar agressividade em relação a outras crianças, sobretudo por meio da linguagem, uma vez que encontram dificuldades em dimensionar e reconhecer o sofrimento do outro diante das exigências impostas pela elaboração das próprias vivências traumáticas. Foi observado que, no caso de Violet, essa dinâmica também se manifestava, uma vez que a criança aparentava dificuldade em compreender as intenções das outras pessoas e, de maneira defensiva, antecipava-se por meio de comportamentos agressivos.

Conforme Sigmund Freud (2016), a simbolização constitui um processo estruturante na infância, no qual a criança elabora representações das primeiras experiências de afastamento do outro primordial materno, mobilizando questões relacionadas à presença e à ausência. Esse processo simbólico inicial evolui para formas mais complexas de simbolização, fundamentais à constituição psíquica. Nesse sentido, por meio da contação de histórias, Violet encontrou símbolos culturais que favoreceram a construção de sentidos diante do afastamento familiar, oferecendo elementos simbólicos para a elaboração de suas experiências, o que se mostrou terapêuticamente significativo.

Frequentemente, Violet refere não conseguir compreender ou explicar os motivos que desencadeiam suas atitudes agressivas. Relata que, em determinadas situações, especialmente quando se sente coagida a realizar algo que não deseja, a reação agressiva emerge de maneira aparentemente inevitável. Tal dinâmica pode ser compreendida à luz do conceito de ansiedade descrito por Sigmund Freud (1996), entendido como resposta ao desamparo original diante de situações que evocam ameaça ou fragilidade. Considerando sua trajetória marcada por

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

experiências de violência e abandono, é possível supor que tais vivências produziram impactos significativos em sua constituição psíquica, exigindo da criança a construção de arranjos defensivos voltados à preservação do eu (Freud, 1976). Para o autor, acontecimentos dessa natureza incidem diretamente sobre a subjetividade, produzindo conteúdos de difícil assimilação psíquica, sobretudo porque a criança ainda não dispõe de recursos emocionais suficientemente elaborados para compreender integralmente tais experiências, relegando muitos desses conteúdos ao inconsciente como forma de continuidade do funcionamento psíquico (Freud, 1976).

Na maioria das vezes, Violet não se lembra do que aconteceu durante as agressões, corroborando aos apontamentos de Freud (1976) que afirma que as experiências do sujeito são suscetíveis à amnésia, tendo em vista a intensidade das circunstâncias que desencadearam o sintoma e/ou o sofrimento psíquico. Uma situação traumática pode ser compreendida como aquela capaz de produzir intenso impacto emocional, como perdas, agressões físicas ou psíquicas, e que exige da criança uma reorganização significativa de sua elaboração simbólica. Segundo Santos e Lima (2022) e Chemama (1993), o conceito de trauma na psicanálise foi ampliado para abranger experiências prejudiciais ao sujeito, que independentemente de sua intensidade ou repetição, continua sendo um evento de difícil assimilação.

Observou-se que a agressividade apresentada por Violet configurava-se como resposta às privações afetivas, negligências e experiências traumáticas vivenciadas ao longo de sua história. Para Donald Winnicott (1987), a agressividade é constitutiva do ser humano e não deve ser compreendida como um ato isolado, mas como expressão de processos psíquicos complexos. Nesse sentido, a oferta de um espaço terapêutico possibilitou à criança manifestar fantasias, brincadeiras e narrativas, favorecendo o acolhimento e a elaboração de suas produções subjetivas.

A fantasia constitui um recurso fundamental para a simbolização infantil. Fantasiar corresponde a uma forma de elaboração daquilo que ainda não pôde ser plenamente compreendido, permitindo a atribuição de sentidos e favorecendo a expressão de desejos. A capacidade de fantasiar acompanha o sujeito ao longo da vida, sendo essencial para a constituição psíquica na infância (Corso; Corso, 2013). De acordo com Melanie Klein (1981), o simbolismo pode estar vinculado à fantasia e assim auxiliar na sustentação da relação do

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

sujeito com a realidade e com o ambiente, possibilitando formas de reparação imaginária e simbólica das experiências emocionais não nomeadas.

Segundo Costa e Leite (2015), a simbolização na infância constitui-se a partir das relações primárias estabelecidas com o outro, que funcionam como suporte para as primeiras inscrições simbólicas e configuram uma das bases fundamentais da constituição psíquica do sujeito, possibilitando a elaboração intersubjetiva das experiências familiares e dos vínculos primordiais.

Nesse contexto, a literatura apresentou-se como um recurso terapêutico relevante no atendimento de Violet, na medida em que favoreceu o enriquecimento imaginativo e simbólico, possibilitando a elaboração de experiências inscritas em sua história infantil. Dessa forma, a arte literária configurou-se como um importante recurso clínico, reconhecido por sua capacidade de produzir efeitos subjetivos ao longo da vida do indivíduo (Corso; Corso, 2013). Ademais, os contos, assim como os sentimentos, são atemporais e se tornam uma rica experiência cultural em termos de simbologia (Winnicott, 2020). Além do espaço de ela desdobrou isso em outros espaços de vida de Violet, como por exemplo, a sua associação à biblioteca da escola, passou a retirar livros, desenvolvendo o hábito de leitura, ao mesmo tempo produzindo narrativas de suas leituras nas sessões de psicoterapia, demonstrando assim efeitos da literatura em sua vida bem como as reverberações de suas posições em seu tratamento. A construção de um espaço terapêutico utilizando a literatura favoreceu a elaboração e a ressignificação de medos, angústias e experiências traumáticas, também associadas às narrativas de diminuição seguido do desaparecimento das crises com manifestações agressivas e explosões de raiva que foram trazidas por Violet.

A CRIANÇA INSTITUCIONALIZADA

Busca-se, nesta subseção, compreender a realidade de Violet. Apesar da tenra idade, a criança vivenciou inúmeros acontecimentos que marcaram sua vida e a de sua irmã, com experiências intensas que culminaram no acolhimento institucional de ambas. Nesse sentido, pretende-se realizar um breve recorte sobre os impactos que a institucionalização produz na subjetividade e no desenvolvimento infantil.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

Conforme Oriente e Sousa (2005), o Acolhimento Institucional configura-se como um recurso do Estado para garantir a proteção da criança. Dados recentes do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) indicam a existência de 35.501 crianças e adolescentes inseridos em serviços de proteção no Brasil. Ainda que a criança tenha sido retirada do contexto de vulnerabilidade, a ida a instituições de acolhimento pode estar associada a aspectos políticos e institucionais que podem gerar impactos significativos no desenvolvimento da criança. Dentre os aspectos mais preocupantes, destaca-se o tempo prolongado de permanência nos dispositivos protetivos: 70,73% das crianças e adolescentes inseridos em acolhimento institucional permanecem nesses espaços por período superior a 18 meses, em desacordo com o princípio de excepcionalidade e provisoriedade previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Embora a orientação do ECA preconize a convivência de irmãos nos serviços de proteção, o CNMP também destaca a recorrente separação de grupos de irmãos e familiares, identificada em 36,08% destes casos em serviços de Acolhimento Institucional (CNMP, 2025).

O contexto de acolhimento institucional frequentemente contribui para o distanciamento dos vínculos familiares e comunitários, comprometendo processos posteriores de reintegração familiar (Cavalcante; Cruz, 2018). Estudos acerca da convivência fraterna em contextos de acolhimento institucional apontam que os vínculos entre irmãos podem funcionar como importantes recursos de proteção psíquica diante das rupturas familiares e das experiências de violência vivenciadas para auxiliar ao lidar com diferentes formas de separação em que o sujeito se depara na realidade de um acolhimento institucional. A manutenção desses vínculos contribui para experiências de segurança, continuidade afetiva e maior capacidade de enfrentamento das adversidades vivenciadas pelas crianças acolhidas (Roque, Silva, Penso, 2023).

Muitas vezes, a vivência familiar conflituosa chega a níveis extremos e abusivos, sendo considerada excessiva, caracterizando-se pela ausência de uma barreira protetora, o que expõe a criança a intenso sofrimento psíquico (Albornoz, 2004). O ambiente saudável é primordial para o desenvolvimento da criança, e compreendê-la em seu contexto é fundamental para abordar os aspectos da constituição psíquica. Torna-se fundamental para as instituições e os sistemas de acolhimento, considerar os efeitos produzidos quando um ambiente saudável não existiu ou deixou de existir, passando a não oferecer um entorno assegurador e continente como suporte para a formação da criança. Vale destacar que a escuta desses aspectos é relevante em

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

qualquer momento da vida de um indivíduo, uma vez que muitos fenômenos encontram sua origem em períodos da infância nos quais a criança vivenciou situações delicadas que estavam para além do que poderia elaborar em sua individualidade e autonomia, tal como afirma Winnicott “alguns fenômenos são já suficientemente conhecidos: o ódio é reprimido, ou a capacidade de amar outras pessoas é perdida. Várias organizações defensivas cristalizam-se na personalidade da criança” (2013, p. 116).

Muitas vezes, a vivência familiar conflituosa atinge níveis extremos de violência e desamparo, caracterizando-se pela ausência de uma barreira protetiva, o que expõe a criança a intenso sofrimento psíquico (Albornoz, 2004). O ambiente saudável é primordial para o desenvolvimento infantil, e compreendê-lo em seu contexto relacional é fundamental para abordar os aspectos da constituição psíquica. Torna-se fundamental que as instituições e os serviços de acolhimento considerem os efeitos produzidos quando um ambiente suficientemente protetivo não existiu ou deixou de existir, deixando de oferecer um entorno assegurador e continente como suporte para o desenvolvimento da criança. Vale destacar que a escuta desses aspectos mostra-se relevante em qualquer momento da vida do indivíduo, uma vez que muitos fenômenos encontram sua origem em experiências infantis que ultrapassaram a capacidade de elaboração psíquica da criança em sua condição de dependência e imaturidade emocional. Assim, “alguns fenômenos são já suficientemente conhecidos: o ódio é reprimido, ou a capacidade de amar outras pessoas é perdida. Várias organizações defensivas cristalizam-se na personalidade da criança” (Winnicott, 2013, p. 116).

Valorizou-se os temas que Violet trazia como lembranças e comentários acerca de sua família durante as brincadeiras e os jogos. Ela falava de seus irmãos, especialmente do irmão que residia com a mãe. No mês de dezembro, com a aproximação das festividades natalinas, Violet relatou que ainda não havia recebido a visita de nenhum familiar na instituição naquele ano e demonstrava o desejo de que essa ausência não se repetisse no Natal. Compartilhava suas expectativas e os preparativos organizados pela instituição para a comemoração da data. A referência a uma celebração culturalmente significativa para crianças e famílias evidenciava sua insegurança em relação à presença familiar, marcada por sucessivas experiências de ausência e ruptura de vínculos afetivos.

No retorno das atividades após as festividades de final de ano, Violet contou, com semblante triste, que não havia visto nenhum de seus familiares no Natal, mas mantinha a

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

esperança de que seu tio, com quem possuía um vínculo mais próximo, ainda fosse visitá-la. Em seu aniversário de onze anos, a situação se repetiu, não houveram visitas. Em determinado momento, Violet relatou as tentativas frustradas de contatar a mãe pelas redes sociais na internet enquanto estava na escola, mencionando que sua irmã havia conseguido falar com ela e que a mãe prometera retirá-las do abrigo. Com o passar do tempo, Violet demonstrou tristeza pelo fato de que isso ainda não havia ocorrido. Conforme Oriente e Sousa (2005), a criança que vive em Instituições de Acolhimento e não é procurada por seus familiares revive um segundo abandono, ao aguardar uma visita que não irá chegar.

A criança abandonada passa a cuidar de si mesma e, sobrecarregada pela interrupção da relação com a mãe, sente-se insegura e suscetível aos estímulos do ambiente (Winnicott, 2020). Nessa ruptura da relação materna, algumas questões do desenvolvimento infantil deixam de ser adequadamente cuidadas, acarretando prejuízos à criança. Assim como Violet, que apresenta momentos mais infantilizados e regressivos, evidencia-se a necessidade de superação desses aspectos no espaço terapêutico, no qual a relação materna ou terapêutica representa uma possibilidade de crescimento. Em síntese, trata-se da possibilidade de evoluir de uma relação de dependência para a autonomia (Winnicott, 2020).

Conforme estudos em Instituições de Acolhimento sobre os laços de parentalidade, a tendência é que os irmãos se unam nestas situações desfavoráveis criando fortes vínculos afetivos (Oriente; Sousa, 2005; Roque, Silva, Penso, 2023). No caso de Violet, entretanto, foi possível perceber que os impactos decorrentes das experiências de violência e institucionalização também produziram fragilidades na relação com a irmã. Além disso, a maneira como determinadas dinâmicas institucionais são conduzidas pode interferir diretamente na constituição e manutenção do vínculo fraterno, nem sempre favorecendo seu fortalecimento. Violet relata que, em algumas situações de conflito, a irmã mais velha é acionada pelos técnicos da instituição para contê-la fisicamente, dinâmica que parece contribuir para a intensificação dos desentendimentos e tensões entre ambas.

Violet demonstra sentimento de culpa por estar acolhida na instituição, indicando certa ambiguidade emocional. A partir de sua perspectiva infantil, tenta compreender as razões do abandono e da ruptura familiar. Diante das vivências traumáticas, a criança não dispõe de recursos psíquicos para resolver tais questões, que passam a integrar sua história e identidade. Os traumas deixam marcas significativas e escapam ao entendimento consciente; por isso,

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

torna-se necessário compreendê-los, transformando-os em objeto simbólico ou, em alguns casos, buscando formas de imaginações, fantasias e simbolizações produzam bordas e decorram no distanciamento e no esquecimento dos fatos traumáticos.

REPETIÇÃO SINTOMÁTICA: A AGRESSIVIDADE

Violet parecia dispor de poucos recursos simbólicos para lidar com as frustrações. A agressividade apresentava-se com maior intensidade, configurando uma repetição sintomática, uma forma de retorno do que não estava suficientemente elaborado ou ainda, simbolizado por Violet. Diante do contexto de vida de Violet, corroborando com o que afirma Albornoz (2004), é comum que vítimas de violência reajam de forma destrutiva ao reincidir no que não foi elaborado. Para Winnicott (1987), a agressividade integra o processo do desenvolvimento humano, o qual tende a se organizar no sentido da integração do sujeito a partir de cuidados adequados, coloca-se assim a possibilidade dos atos agressivos como manifestação por virem a ser trabalhados e nomeados. Contudo, na ocorrência de falhas na assistência materna, podem emergir situações das quais a criança não consegue se antecipar ou se proteger, requerendo longo trabalho psíquico dentre os quais encontramos o psicoterapêutico.

Com frequência, Violet relatava conflitos vivenciados na instituição. Ao iniciar sua fala, dirigia o olhar ao rosto da psicoterapeuta, como se buscasse alguma expressão de julgamento. Relatava a ocorrência de castigos e privações, alegando que não se comportava adequadamente e que se envolvia em confusões. Em alguns momentos, a criança demonstrava comportamentos agressivos nas sessões, especialmente durante o uso do videogame, quando batia insistentemente em um rinoceronte que auxiliava seu personagem no jogo. Em determinado momento, questionava-se: *por que eu estou batendo nele?*, mas permanecia repetindo tal ação. Violet manifestava raiva ou agressividade direcionada a determinados personagens ou objetos durante as sessões, mas nunca dirigida à terapeuta.

A agressividade, portanto, passou a ser compreendida como um comportamento destinado a trazer o real que estava sem nome, ainda não simbolizado. É frequente que a agressividade em forma de violência seja expressa por uma criança que apresenta sentimentos de raiva relacionados à situação em que se sente ou se sentiu rejeitada, que acarreta intensa ansiedade e, conseqüentemente, pode contribuir para a percepção de uma identidade fragmentada e uma visão empobrecida de si mesma (Oaklander, 2023). As causas da

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

agressividade não são somente da ordem de sentimentos internos ou organicistas, como frequentemente são atribuídas pelos adultos, mas possuem estreita relação com o outro, ou seja, também são externas ao sujeito, compondo contextos, situações, vivências em família, ambientes coletivos que passam a permear as singularidades e individualidades. Tais manifestações configuram-se como respostas a um meio ambiente percebido como hostil pela criança, que, por sua vez, não dispõe de recursos emocionais suficientes para elaborar os sentimentos de raiva e medo que lhe são dirigidos (Oaklander, 2023).

Para Albornoz (2004), situações de vida abusivas contribuem para que corpo e mente se tornem destituídos de investimento. A capacidade da criança de perceber a realidade pode ser comprometida em função da magnitude de seu sofrimento e, conseqüentemente, a compreensão do mundo exterior torna-se falha, dificultando progressivamente sua adaptação, o que pode ocasionar uma grave falha na função simbólica (Albornoz, 2004). Nesse sentido, pode-se considerar que a agressividade encontra-se a serviço da própria sobrevivência ou ainda de se fazer presente em seu contexto de vida (Oaklander, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos literários demonstram capacidade de adaptação e atualização, sem perder seu potencial simbólico. Em diferentes circunstâncias a leitura de contos mostra-se benéfica (Gutfreind, 2020). No caso de Violet, revelou-se possível estabelecer uma abordagem de psicoterapia infantil mediada pela literatura, na qual a criança demonstrou expressivo interesse pelos contos infantis apresentados ao longo do processo terapêutico. A partir desse interesse inicial, a paciente encontrou, na postura da terapeuta, disponibilidade para a leitura das histórias, as quais se encaixam na relação terapêutica, favorecendo a constituição de vínculo e confiança.

No campo transferencial, as narrativas assumem relevância enquanto discurso por meio do qual a cultura se apresenta, neste caso na figura da terapeuta, auxiliando na composição de um cenário de confiança e no endereçamento dos interesses de Violet. Tal postura possibilitou que a criança encontrasse meios de trazer suas questões de vida, relacionadas à perda de vínculos familiares em decorrência de sua institucionalização em serviços de acolhimento à infância, associadas às crises de ansiedade e revolta vivenciadas.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

Observou-se que a criança submetida ao abandono e à ausência de figuras primárias, como maternas e paternas, pode apresentar agravamento na falta de investimento de desejo e na constituição de expectativas, elementos essenciais para a construção de um lugar próprio e para subjetividade. A carência de investimento subjetivo e de outros cuidados pode interferir na constituição psíquica e no desenvolvimento infantil, gerando sofrimento e angústia, com potencial empobrecimento do imaginário e da capacidade de simbolização no enfrentamento do real inominável, tornando-se assim material para um acompanhamento psicoterapêutico com a compreensão psicanalítica trazida aqui.

As interpretações dos contos favoreceram a criação de novas cenas, bem como associações com aspectos da história de vida que expressavam sofrimento. Ao longo dos atendimentos, foi possível acompanhar desdobramentos imaginativos e criativos, assim como a progressiva tomada de voz por parte de Violet, evidenciando um processo terapêutico no qual se observou a redução das crises de angústia e das explosões emocionais vivenciadas, principalmente àquelas dirigidas a outras crianças.

Violet passou a ler mais e no decorrer da psicoterapia suas verbalizações tornaram-se progressivamente mais elaboradas durante os jogos e a contação de histórias, o que convergiu com as afirmações de Klein (1981), segundo as quais a liberdade da imaginação, associada à diminuição da angústia e ao acesso a conteúdos inconscientes, favorece a expressão e a simbolização das fantasias infantis.

Dessa forma, a psicoterapia fundamentada na técnica psicanalítica, mediada pela contação de histórias, mostra-se um recurso que auxilia a criança a compreender e a lidar com aspectos da realidade de sua vida que, muitas vezes, não estão sob seu controle. Em analogia ao seriado *Desventuras em Série*, permanecem em aberto os próximos episódios da história de Violet Baudelaire e de seus irmãos, na expectativa de novos desdobramentos positivos em sua trajetória terapêutica.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Ana Celina Garcia; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. *A dor e a constituição psíquica*. PsicoUSF, v. 9, n. 2, p. 211-218, 2004.

BECKER, Aaron. *Jornada*. RECO-RECO, 2016.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas: o significado e a importância dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Atualizado até a Lei nº 13.812, de 2019.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho amarelo*. Autêntica, 2017.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre, Larousse e Artes Médicas, 1993.

CIRANDA CULTURAL (Brasil) (ed.). *CONTOS CLÁSSICOS: Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.

CIRANDA CULTURAL (Brasil) (ed.). *CONTOS CLÁSSICOS: João e Maria*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO (CNMP). *CNMP lança relatório anual e detalha desafios estruturais nos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes*. Brasília, DF, 10 dez. 2025. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/19192-cnmp-lanca-relatorio-anual-e-detalha-desafios-estruturais-nos-servicos-de-acolhimento-de-criancas-e-adolescentes?utm_source=chatgpt.com Acesso em: 12 maio 2026.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Artmed Editora, 2013.

COSTA, Germano Quintanilha; LEITE, Sonia. O infantil na constituição subjetiva: restos, escrita e narrativa. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 18, n. 4, p. 619–633, 2015.

DEBS, Paulo. *O menino do barril*. United Press, 2011.

DELGADO, Paulo. O estudo de caso na investigação qualitativa: do desenho à aplicação. *Revista InterAção*, v. 10, n. 1, p. 81–90, 2019.

DOLTO, Françoise; HAMAD, Nazir. *Destinos de crianças: adoção-família-trabalho social*. Martins Fontes, 1998.

EIZIRIK, Cláudio Laks; DE AGUIAR, Rogério Wolf; SCHESTATSKY, Sidnei S. *Psicoterapia de Orientação Analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Artmed Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. In. Edições Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVI. 1976.

FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintoma e Ansiedade (1926 [1925])*. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

- FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. L&PM Editores, 2016. (Texto original publicado em 1920)
- GUTFREIND, Celso. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. Artmed Editora, 2020.
- KLEIN, Melanie. *A psicanálise de crianças*. Editora Mestre Jou. São Paulo, 1981.
- MACHADO, Ana Maria *et al.* *Palavras, palavrinhas e palavrões*. FTD, 2012.
- MESSIAS, Adriano. *As Aventuras do Boneco de Gengibre*. Positivo, 2016.
- NOLAN, Denis. *Mar de sonhos*. 2013.
- NIU, Y. *et al.* Foster Care Leads to Lower Irritability Among Adolescents with a History of Early Psychosocial Deprivation. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, [s. l.], v. 52, n. 8, p. 1183–1192, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10802-024-01193-x>.
- OAKLANDER, Violet. *Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. 18. ed. São Paulo: Summus, 2023
- ORIONTE, Ivana; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. *O significado do abandono para crianças institucionalizadas/The meaning of abandonment for children in institution*. *Psicologia em revista*, v. 11, n. 17, p. 29-42, 2005.
- PACHECO, Patrícia da Cunha. *A clínica psicanalítica com crianças em situação de vulnerabilidade acolhidas institucionalmente*. 2023. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.
- SANTOS, Gabriel da Silva; LIMA, Luís Antônio Gomes. *Análise do trauma psíquico na produção psicanalítica contemporânea*. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e44311326842, 2022.
- STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso Editora, 2016.
- WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e o seu mundo*. *In: A criança e o seu mundo*. 2013.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Ubu Editora, 2020.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

A LITERATURA COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA INFÂNCIA

Autor correspondente:

Elisangela Reinheimer de Bittencourt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Av. Paulo Gama, 110, Bairro Farroupilha, Porto Alegre/RS, Brasil. CEP 90040-060

e.reinheimer16@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

